

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA
BACHARELADO EM ENFERMAGEM

HELLEN CRISTINA GOMES DA SILVA
JOSEMAR FERREIRA DOS SANTOS
MAYEVELLYN GRINAURA NUNES

**Orientação do profissional da enfermagem sobre os riscos relacionados à
automedicação**

RECIFE/2024

HELLEN CRISTINA GOMES DA SILVA
JOSEMAR FERREIRA DOS SANTOS
MAYEVELLYN GRINAURA NUNES

**Orientação do profissional da enfermagem sobre os riscos relacionados à
automedicação**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Disciplina TCC II do
Curso de Bacharelado em Enfermagem
do Centro Universitário Brasileiro -
UNIBRA, como parte dos requisitos
para conclusão do curso.

Orientador(a): Prof. Dr. Wesley Felix
de Oliveira.

RECIFE
2024

JOSEMAR FERREIRA DOS SANTOS
MAYEVELLYN GRINAURA NUNES

Orientação do profissional da enfermagem sobre os riscos relacionados à automedicação

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Disciplina TCC II do Curso de Bacharelado em Enfermagem do Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA, como parte dos requisitos para conclusão do curso.

Examinadores:

Orientador – Titulação

Examinador 1 – Titulação

Examinador 2 - Titulação

Nota: _____

Data: ____/____/____

AGRADECIMENTOS

Nesta data, finalizamos um ciclo longo de cinco anos que se concretiza com o fechamento da nossa graduação, a qual iremos levá-la com amor, responsabilidade e empatia, no cuidado com o próximo.

Salientando nossa gratidão a Deus o autor da vida, a ele que nos sustentou nesta jornada acadêmica, construída com muitas dificuldades, choros, ansiedades, medos e tantas outras diversidades que enfrentamos, contudo, a mão de Deus nos segurou até aqui. Também queremos agradecer, aos nossos familiares que lutaram conosco, pois este processo de construção profissional também foram deles.

Fica aqui registrado nossa gratidão a nossa coordenadora Wanuska, aos nossos professores, ao nosso orientador Wesley Felix de Oliveira por nos auxiliar na construção desse trabalho, aos nossos colegas de turma e a instituição por abrir a porta a qual nos torna hoje profissionais da área de saúde.

Tudo tem seu tempo determinado e há tempo para
todo propósito debaixo do céu. - Eclesiastes 3:1

EPÍGRAFE

“Até quando um medicamento vai ao nosso favor? No início é um mar de rosas, parece que você está de romance novo, descobriu uma nova paixão, uma pessoa que te entende em tudo. Esse é o novo medicamento, mas com o tempo, ele vira um vilão, já não nos ouve mais, já não contém mais as nossas emoções, você se torna dependente dele, se ficar mais de um dia sem consumi-lo, parece que o seu coração vai abrir um buraco no meio do seu peito e explodir pulando para fora de tanta angústia que acumula.”

Leandro Esteves

RESUMO

A automedicação consiste no uso de medicamentos sem qualquer orientação do profissional ou prescrição médica. No entanto, é importante ressaltar que o hábito de consumir medicamentos pelos próprios meios pode trazer sérios níveis de gravidade à saúde, como os sintomas de doenças graves que não apresentam sintomas (assintomáticas). O presente estudo tem como objetivo descrever a importância do enfermeiro no combate à prevenção da automedicação. A metodologia utilizada foi uma revisão descritiva, exploratória e quantitativa da literatura em periódicos das bases de dados online Google Acadêmico, SCIELO e BVS. A ingestão de medicamentos sem prescrição médica é um fator potencialmente comum no Brasil, causado por inúmeros motivos, tornando-se relevante a adoção de medidas preventivas que possam contribuir para minimizar ou extinguir possíveis riscos causados pela automedicação e, consequentemente, conscientizar a população sobre os riscos de efeitos nocivos que determinados medicamentos podem causar. Portanto, espera-se que os profissionais de enfermagem reflitam como protagonistas na prevenção da automedicação.

Palavras-chave: Automedicação, Efeitos adversos, Enfermagem.

ABSTRACT

Self-medication consists of using medications without any professional guidance or medical prescription. However, it is important to highlight that the habit of consuming medications by one's own means can bring serious levels of health severity, such as the symptoms of serious illnesses that do not present symptoms (asymptomatic). The present study aims to describe the importance of nurses in combating the prevention of self-medication. The methodology used was a descriptive, exploratory and quantitative review of the literature in journals in the Google Scholar, SCIELO and VHL online databases. Taking medications without a medical prescription is a potentially common factor in Brazil, caused by numerous reasons, making it important to adopt preventive measures that can help minimize or eliminate possible risks caused by self-medication and, consequently, raise awareness among the population about the risks of harmful effects that certain medications can cause. Therefore, nursing professionals are expected to reflect as protagonists in preventing self-medication.

Keywords: Self-medication, Adverse effects, Nursing.

SUMÁRIO

1. Introdução	8
2. Materiais e Métodos.....	9
3. Resultados e Discussão.....	10
4. Conclusão.....	20
5. Referências.....	21

1. Introdução

Segundo Xavier et al.¹ a automedicação pode ser entendida como a seleção e o uso de medicamentos por pessoas para tratar doenças ou sintomas sem a supervisão ou a prescrição de um profissional, gerando riscos para a saúde individual. Nessa perspectiva, os riscos e consequências da automedicação e do uso indiscriminado de medicamentos podem levar ao auto diagnóstico incorreto, interações medicamentosas perigosas, erros comuns tanto na administração, quanto na dosagem e na escolha incorreta da terapia. Podendo mascarar uma doença grave, além de haver risco de dependência e abuso. Além disso, o uso indiscriminado de antibióticos durante um longo prazo pode promover resistência a patógenos². No Brasil, cerca de 35% dos medicamentos são adquiridos nas farmácias por pessoas que estão se automedicando. A disponibilidade de informações médicas na internet cria um ambiente propício para a pessoa fazer diagnóstico e se medicar por conta própria. Esses fatores tornaram o uso indiscriminado de medicamentos um dos principais problemas da saúde no Brasil³.

De acordo com Araújo et al.⁴ a prevalência da automedicação na população acomete em maior quantidade o público feminino e, em vista da condição financeira, a que mais prevalece na prática é a classe de baixa renda. Quanto à motivação dos indivíduos para a prática da automedicação, concluiu-se que dentre diversos motivos, os principais são: os idosos comumente confundem sintomas do envelhecimento natural com sintomas patológicos, procurando sanar os sinais e sintomas por meio da automedicação errônea.

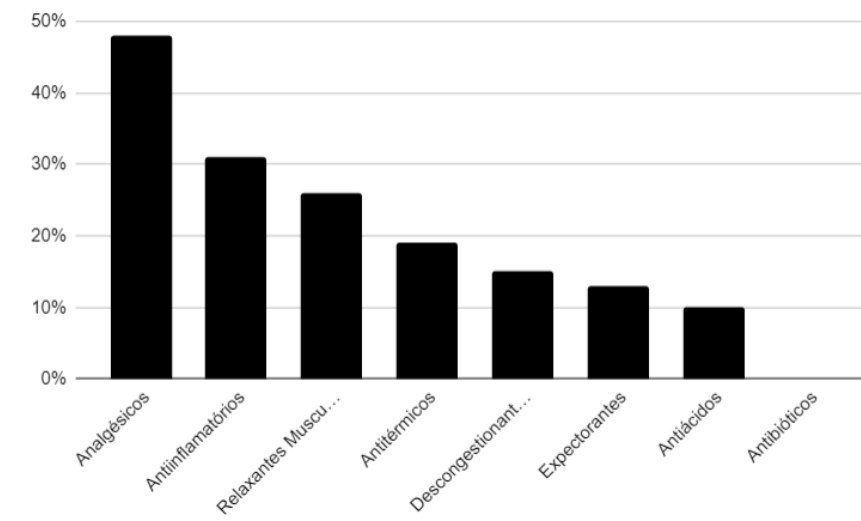
Uma pesquisa de Xavier et al.⁵ diz que, segundo dados do conselho nacional de saúde, estima-se que, no Brasil, existe uma farmácia (ou drogaria) para cada 3.300 habitantes o que propicia a facilidade de acesso aos diversos grupos de medicamentos. Trata-se de um hábito cultural no Brasil com maior incidência entre populações com baixo acesso aos sistemas de saúde. Nas farmácias são encontrados uma gama diversa de medicamentos, alguns, isentos de prescrição, e o consumidor normalmente, por seguir conselhos de outrem acaba comprando sem julgar as vantagens, desvantagens e peculiaridades.

A intoxicação por medicamentos ocorre principalmente pelo seu uso acidental, em especial com crianças. Por isso, é muito importante armazenar esses produtos em locais seguros. Há também outros casos de intoxicação, causados pelo uso do medicamento de forma incorreta ou abusiva, por erro de prescrição ou de administração, por automedicação, entre outros⁶. De acordo com Lima e Alvim⁷ a automedicação pode trazer riscos imensos a saúde, pois a combinação de diversos medicamentos pode acarretar reações adversas no nosso corpo desde reações alérgicas a evolução do óbito. As consequências deste ato pode ser irreversível, proporcionando ao indivíduo problemas em órgãos como insuficiência renal, aumento da diabetes e insuficiência cardíaca. Na realidade os medicamentos só podem ser utilizados por intermédio da prescrição médica, pois esse profissional está capacitado a receitar desde um simples analgésico até mesmo remédios mais específicos como os medicamentos oncológicos.

Segundo Santos et al.⁸ no Brasil e no mundo, o consumo de medicamentos por conta própria tem crescido significativamente. Este comportamento pode causar efeitos imprevisíveis e irreversíveis no organismo. Aponta-se como causa a falta de um atendimento eficiente nos serviços de saúde e as diversas propagandas de medicamentos que são comercializados de forma livre, sem prescrição médica. Com isso, pode-se perceber que sem a conscientização da população sobre o assunto, essa prática não irá diminuir. Algumas medidas que podem ser utilizadas para combater a automedicação são: Seguir a prescrição do médico sobre a dosagem recomendada e o intervalo entre elas, respeitar o tempo de tratamento recomendado, em caso de dúvidas ou até mesmo na compra de medicamentos de venda livre, procurar sempre orientação de um farmacêutico, ler e seguir todas as instruções da bula, e por fim, os pacientes precisam de conhecimento para entender os perigos da automedicação e não só a proibição pura e simples. Os médicos, farmacêuticos e profissionais de saúde em geral devem contribuir para divulgar a importância da orientação médica no processo de diagnóstico, compartilhar informações confiáveis com os pacientes, incentivar leituras e indicar fontes seguras são formas simples de contribuir com a educação⁹.

Os medicamentos mais comuns na prática da automedicação no Brasil, de acordo com ICTQ (Instituto de Pesquisa e Pós-Graduação) são: analgésicos (48%), anti-inflamatórios (31%), relaxantes musculares (26%), antitêrmicos (19%), descongestionantes nasais (15%), expectorantes (13%), antiácidos (10%) e antibióticos (10 %)², conforme demonstra a Figura 1.

Figura 1 - Medicamentos mais comuns na prática da automedicação no Brasil e seus percentuais.
Figure 1 - Most common medications in the practice of self-medication in Brazil and their percentages.



Fonte: ICTQ, (2018).
 Source: ICTQ, (2018).

Segundo Santos et al.¹⁰ é fundamental que sejam criadas medidas de educação em saúde que contribuam para alertar sobre os efeitos trazidos pela automedicação. Assim, tanto o enfermeiro quanto outros profissionais da saúde, deve agir com orientações e, até mesmo, promover palestras educativas para a população, sendo assim, um preceptor para a melhoria da qualidade de vida populacional. A atuação do profissional de enfermagem soma-se como um fator indissociável ao combate, uma vez que, não se trata apenas de compra e venda de medicamentos e, sim, da promoção do uso racional que envolve ações educativas que precisam iniciar no consultório e acompanhar o paciente até o balcão de uma farmácia. A equipe de enfermagem na esfera educativa também se demonstra como grande aliada no uso racional de medicamentos. Sendo os enfermeiros dentre as classes de profissionais de saúde os que estão mais próximos à população e, por isso, podem agir como agente facilitador de informações. Orientar os pacientes quanto ao uso correto dos medicamentos, desde os problemas mais simples como uma congestão nasal, até os problemas crônicos como a hipertensão e diabetes é crucial porque possibilita ao paciente segurança e ao medicamento a eficácia. O enfermeiro tem papel fundamental no controle e combate da automedicação, é dele a função de orientar a população quanto aos riscos causados por consumirem medicamentos inadequados e sem prescrição médica e orientação prévia de um profissional, com isso, o enfermeiro tem total autonomia para promover palestras educacionais e conscientizadoras sobre o tema, tentando reverter as altas taxas de automedicação.

Este estudo tem por finalidade descrever através de uma revisão da literatura os riscos à saúde, relacionado ao consumo de medicação sem prévia e orientação de um profissional habilitado, além de descrever os principais fatores e causas que levam a população a se automedicar, identificar as consequências (reações adversas) da automedicação e evidenciar as medidas preventivas cabíveis ao profissional de enfermagem diante do quadro de automedicação.

2. Material e métodos

Trata-se de um estudo com coleta de dados realizada a partir de fontes secundárias, por meio de levantamento bibliográfico na realização de uma revisão integrativa de literatura. O presente estudo procura responder à pergunta norteadora: “Qual a relevância do profissional da enfermagem, sobre o consumo inadequado de medicações sem prescrição?”. Para tanto, esta revisão de literatura foi realizada com base em

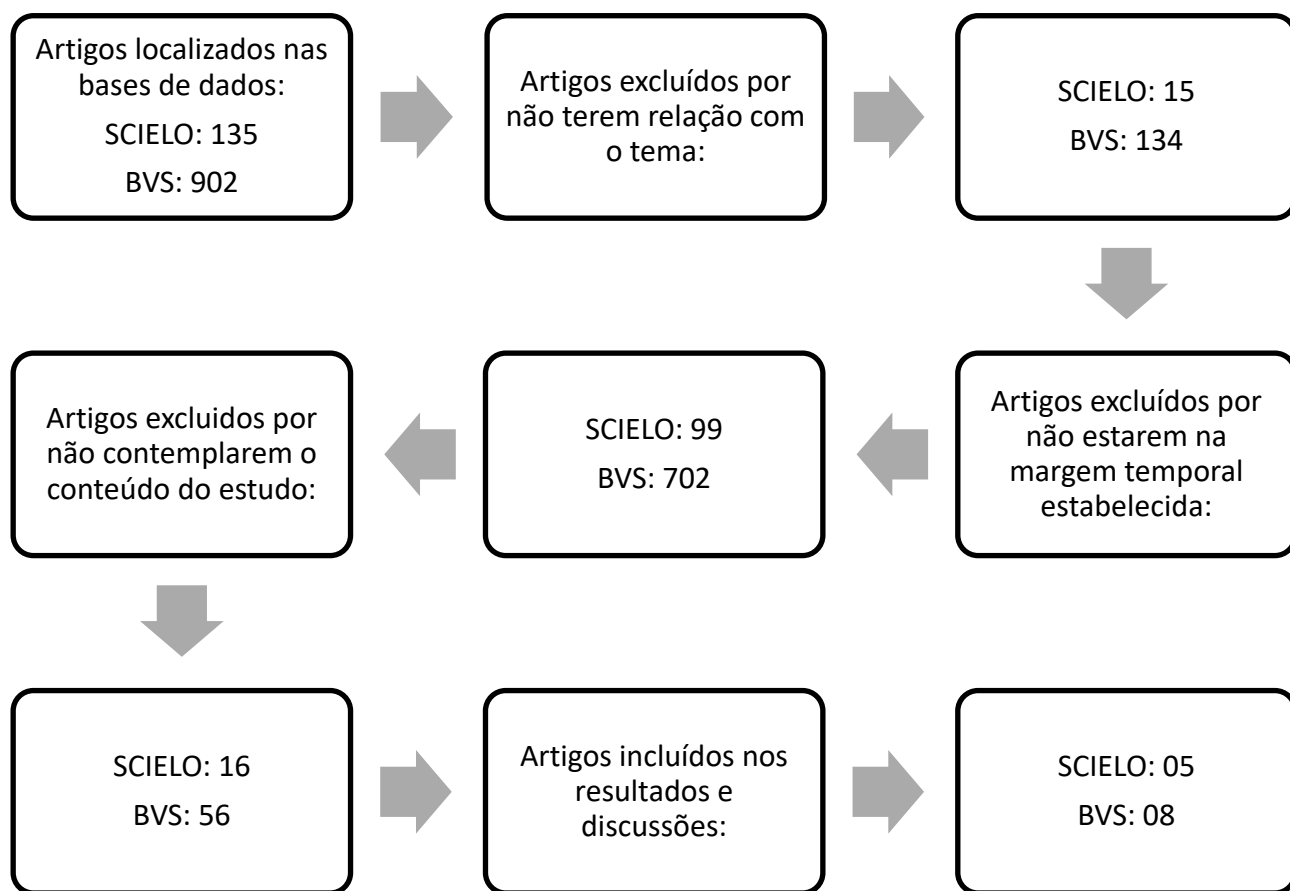
artigos de relevância sobre o tema proposto, permitindo a realização de uma análise qualitativa descritiva. Os artigos foram obtidos por meio de base de dados on-line no Google Acadêmico como: SCIELO e BVS. Os descritores utilizados foram: Automedicação. Efeitos adversos. Enfermagem.

Para alcançar os objetivos do estudo, foram utilizados como critérios de inclusão e exclusão, os seguintes pontos:

1. Os critérios de inclusão foram:
 - Estudos publicados entre os anos de 2018 à 2024;
 - Artigos científicos, publicados em revistas científicas, com qualidade e regularidade no ano de publicação;
 - Em língua portuguesa e inglesa que abordassem o tema pesquisado;
 - Artigos que permitissem acesso integral ao conteúdo do estudo.
2. Os critérios de exclusão foram:
 - Estudos que não obedeceram aos critérios de inclusão supracitados;
 - Artigos em duplicata;
 - Monografias, dissertações e teses;
 - Estudos publicados antes do ano de 2018.

3. Resultados e Discussão

A partir das buscas realizadas através das bases de dados on-line, SCIELO e BVS, foram selecionados 13 artigos científicos que atenderam aos critérios de inclusão exigidos no estudo, as buscas foram inicialmente realizadas pelo Google Acadêmico, para início é uma ferramenta muito boa, porém a mesma fornece documentos de diversos tipos, tais como, resumos, teses, dissertações, apresentações em congressos, etc. Por isso, para uma seleção final de artigos mais criteriosa, foram utilizados os sites de cada base de referências. A coleta de dados foi realizada no período de novembro de 2023 a outubro de 2024. Conforme descritos no fluxograma da Figura 2.

Figura 2 - Critério de seleção dos artigos.**Figure 2** - Article selection criteria.

Fonte: Autores, (2024).

Source: Authors, (2024).

Para melhor entendimento dos resultados obtidos em cada um dos artigos selecionados, foi feita a seguinte triagem: os artigos localizados nas bases de dados escolhidas para montagem do trabalho, foram excluídos alguns artigos por não terem relação com o tema, após outra seleção foram excluídos artigos por não estarem na margem temporal de 2018 - 2024, também foram excluídos artigos por não contemplarem o conteúdo do estudo, e por fim restaram 13 artigos que foram incluídos nos resultados e discussões, com isso estão sendo representados na Tabela 1.

Tabela 1 – Artigos científicos selecionados para a revisão integrativa da literatura.**Table 1** - Scientific articles selected for the integrative literature review.

Título	Objetivo	Método	Resultados e Conclusão	Referência
Impacto da Covid-19 na prática de automedicação em estudantes universitários	Estimar a prevalência e os fatores associados à automedicação em estudantes de um centro universitário na região do Campo das Vertentes, Minas Gerais, bem como avaliar a incidência durante a pandemia de Covid-19.	Estudo de delineamento transversal e quantitativo, foi realizado com 248 estudantes do Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves (Uniptan) regularmente matriculados de junho a agosto de 2021.	Os achados mostraram que 67,3% dos participantes relataram realizar a automedicação; 28,7% apontaram aumento da automedicação durante a pandemia; e 30,9% indicaram o início nesse período. Houve diferença significativa sobre: considerar-se capaz de se automedicar, ter costume de indicar medicamentos para outras pessoas e consumi-los por indicação de outros. Para aqueles que aumentaram a prática de automedicação na pandemia, houve associação com o hábito de indicar medicamentos para outras pessoas. Já para quem iniciou essa prática no período pandêmico, a capacidade de automedicação esteve associada. Os resultados abrem caminhos para medidas educativas sobre o uso irracional dos medicamentos pelos estudantes do ensino superior, independentemente da área de formação.	11
Automedicação o entre estudantes de graduação do interior do Amazonas	Estimar a prevalência e fatores associados à automedicação entre estudantes de cursos de graduação do interior do Amazonas.	Estudo transversal com 694 estudantes de uma universidade pública do interior do Amazonas, entre março a julho de 2018. Definiu-se automedicação como uso de, no mínimo, um medicamento sem prescrição.	Dos 694 graduandos, 483 indicaram consumo medicamentoso. Destes, 80,1% referiram automedicação. Os analgésicos foram os mais utilizados (51,8%) e os motivos que mais levaram a se automedicarem foram os problemas algícos (54,3%). Observou-se alta prevalência da automedicação entre os estudantes, evidenciando a necessidade de discussão sobre o uso racional de medicamentos no ambiente universitário.	12
Uso de medicamentos por adultos na atenção primária: inquérito em	Descrever e avaliar o perfil de utilização de medicamentos em uma amostra representativa de usuários adultos da atenção primária do	Estudo transversal, com 1.159 entrevistados em 104 municípios e 253 serviços de saúde. Foram coletados dados sobre características sociodemográficas,	A prevalência de uso de medicamentos foi de 81,8%, com média de 2,67 medicamentos por usuário, que aumenta com a faixa etária. Os medicamentos mais utilizados foram losartana, hidroclorotiazida e sinvastatina, com diferenças entre as faixas etárias. Observou-se automedicação significativa não só em adultos jovens, mas também entre idosos.	

serviços de saúde de Minas Gerais, Brasil	Sistema Único de Saúde (SUS) de Minas Gerais.	condições de saúde e uso de medicamentos, sendo essas características estratificadas por faixas etárias.	O estudo pode contribuir para melhorar o cuidado na atenção primária, pois identificou problemas relevantes relacionados à qualidade do uso de medicamentos, especialmente entre adultos jovens e idosos em Minas Gerais.	13
Uso de analgésicos e o risco da automedicação em amostra de população urbana: estudo transversal	Definir o padrão de uso de analgésicos entre os portadores de dor crônica (DC) e a sua potencial associação à automedicação analgésica.	Estudo observacional transversal com amostra de população urbana. A dor crônica foi definida como aquela presente por pelo menos 90 dias.	Na pesquisa foram incluídos 416 indivíduos; 45,7% (n = 190) portadores de dor crônica, sendo os do sexo feminino 72,3% os mais acometidos. A automedicação analgésica é praticada por 78,4% dos portadores de dor crônica. O tratamento analgésico vigente mais frequente é composto pelos anti-inflamatórios não esteroides (AINEs), dipirona e paracetamol. Os opioides fracos são pouco usados e apenas 2,6% dos indivíduos com dor crônica fazem uso desses analgésicos. Nenhum dos indivíduos estava em uso de opioides potentes. A prática de automedicação analgésica é frequente entre os portadores de dor crônica, o que pode ser consequência da pouca prescrição de analgésicos mais potentes, como os opioides.	14
Perfil de medicamentos utilizados por automedicação por idosos atendidos em centro de referência	Determinar o perfil dos medicamentos utilizados por automedicação por idosos.	Estudo transversal baseado em entrevistas com idosos atendidos de julho de 2014 a julho de 2015 em um centro de referência na Atenção à Saúde do Idoso de um hospital de ensino. Foram coletadas informações clínicas, demográficas e farmacoterápicas.	Entrevistaram-se 170 idosos, 85,9% eram mulheres e a mediana de idade foi 76 anos. A frequência de automedicação foi 80,5%. Os medicamentos mais utilizados por automedicação foram relaxantes musculares de ação central, analgésicos e antipiréticos, além dos anti-inflamatórios e antireumáticos não esteroidais. Entre os idosos que praticaram automedicação, 55,5% utilizaram medicamentos inapropriados para idosos, segundo os critérios de Beers de 2015, e 56,9% utilizam medicamentos que apresentavam duplicidade terapêutica com os medicamentos prescritos. A prática de automedicação foi elevada nos idosos estudados. O amplo uso de medicamentos de venda livre e/ou potencialmente inapropriados para idosos aumenta o risco de interações medicamentosas e de eventos adversos.	15
Análise do estoque domiciliar de medicamentos			Sobre a amostra estudada 83,9% (n=281) dos entrevistados era do sexo feminino, faixa etária com predomínio de pessoas acima de 40 anos, com um nível de escolaridade baixo e renda familiar mais baixa. Dos participantes da pesquisa, 97,6%	16

de usuários da Estratégia Saúde da Família, em Rondonópolis - MT, Brasil	Analisar o estoque domiciliar de medicamentos da população adstrita na Estratégia Saúde da Família (ESF) de Rondonópolis-MT de fevereiro a junho de 2022.	Estudo transversal, de caráter exploratório, e de base descritiva. Foi aplicado um questionário por domicílio durante visita domiciliar.	possuíam farmácia caseira. Esses medicamentos eram armazenados principalmente na cozinha, no quarto e na sala. As classes terapêuticas mais numerosas foram analgésicos (14,2%), AINEs (8,9%) e anti-hipertensivos (7,7%).	
Análise da automedicação pediátrica em pacientes atendidos em hospital de alta complexidade	Analisar o perfil da automedicação pediátrica em um hospital de alta complexidade no interior do Ceará.	Estudo transversal baseado na técnica de entrevista, realizado com 135 pais/responsáveis de crianças com idade entre 0 a 12 anos que procuraram atendimento hospitalar entre novembro de 2020 e março de 2021.	Observou-se uma prevalência de automedicação de 60%. Quanto à frequência, 43,2% dos entrevistados relataram realizar às vezes. Destes, a maioria era mãe (94,3%) com 17 a 27 anos (48,6%) e renda familiar de menos de 1 salário mínimo (57,1%); 59,3% apontaram como motivo considerar o problema de saúde simples. A principal causa da automedicação foi a febre e os medicamentos mais utilizados foram analgésicos e antipiréticos. A predominância da automedicação pediátrica pelas mães deve-se à experiência com seus outros filhos. Além disso, as condições socioeconômicas influenciaram as práticas errôneas da automedicação, pois as famílias que não possuem recursos para a consulta e compra dos fármacos acabam optando pela autoadministração.	17
Polifarmácia, automedicação e uso de medicamentos potencialmente inapropriados: causa de intoxicações em idosos	Ampliar o conhecimento sobre o impacto do uso de medicamentos pela população idosa.	Estudo descritivo e retrospectivo, partindo da pesquisa e análise de dados secundários em saúde, através da coleta de informações sobre as intoxicações por uso de medicamentos.	Em cerca de dez anos relacionados ao período estudado, entre 2010 a 2020, houveram 2.946 internações de idosos causadas por intoxicações farmacológicas, sendo relevante em número de casos as classes dos anticonvulsivantes, sedativos, hipnóticos, antiparkinsonianos. A região com maior número de casos foi a Sudeste. Os resultados encontrados advêm da tendência crescente dos problemas associados ao uso de medicamentos por idosos, tornando-se clara a importância de estratégias efetivas de farmacovigilância voltadas a saúde dessa população.	18
Acesso e uso de	Descrever o acesso e o uso de	Trata-se de uma pesquisa com	Doze pessoas foram incluídas neste estudo, sendo a maioria homens (83%), pretos ou pardos, com idade entre 25 e	19

medicamentos sob a perspectiva da pessoa em situação de rua	medicamentos de pessoas em situação de rua, as estratégias e a frequência de acesso a medicamentos, o entendimento dos usuários sobre o modo de uso e de armazenamento; a identificação dos medicamentos mais consumidos e as indicações mais frequentes.	abordagem mista, qualitativa/quantitativa, de caráter descritivo. Os sujeitos de pesquisa foram pessoas em situação de rua no município de Porto Alegre/RS. A coleta de dados foi realizada através de entrevistas semi-estruturadas.	59 anos (67%). O local de maior procura para atendimentos foram as Unidades Básicas e o Consultório na Rua foi o mais citado. Assim como o acesso à saúde foi limitado ao SUS, o acesso a medicamentos também foi em farmácias públicas. A maioria apontou o uso de medicamentos para patologias agudas e os que relataram medicamentos de uso contínuo não apresentavam adesão ao tratamento. Automedicação e formas alternativas de acesso aos medicamentos foram citadas, além do abuso de álcool e o uso de substâncias psicoativas.	
Prevalência de intoxicação por medicamentos no estado da Bahia entre 2007 e 2017	Determinar a prevalência de intoxicação por medicamentos no estado da Bahia, Brasil, entre 2007 e 2017, as intoxicações por medicamentos estão se tornando um problema de saúde pública.	Estudo quantitativo, do tipo descritivo e exploratório, que avaliou as notificações relacionadas à intoxicação por medicamentos no estado da Bahia registradas no DATASUS entre 2007 e 2017, tendo como variáveis de interesse faixa etária, raça/cor e sexo, circunstância, classificação final, critério de confirmação e evolução, ano e município de notificação.	Foram registrados 28.412 casos de intoxicação exógena no período, sendo 29,7% causados por medicamentos. A faixa etária de maior prevalência foi de 20 a 39 anos (38,5%), com maior número de casos entre pessoas do sexo feminino (66,7%), tendo a tentativa de suicídio como a principal causa, correspondendo a 38,5% das notificações. A maior concentração de casos notificados ocorreu na capital do estado. Sem dúvidas, a facilidade de acesso a esses produtos predispõe à automedicação, sendo um fator de risco para esses casos de intoxicação.	20
Automedicação em pacientes	Analisar o uso de medicamentos por aut	Estudo quantitativo, descritivo e transversal, realizado em um centro de tratamento hemodialítico, na região Sudoeste da Bahia, em março de 2015,	Dos participantes, 64,1% (109) eram homens, com idade média de 50 anos ($\pm 14,9$); 57% (98) possuíam renda menor que um salário mínimo; 20% (34) nunca estudaram; 48,2% (82) estavam dialisando em período de um a cinco anos e 92,9% (158) não possuíam plano de saúde. Contabilizaram-se	21

renais crônicos hemodialíticos	omedicação em pacientes renais crônicos hemodialíticos.	por meio da aplicação de formulário contendo variáveis sociodemográficas, clínicas e farmacoterapêuticas de 170 pacientes. A amostra compôs-se de pacientes em tratamento hemodialítico crônico há mais de um ano, com idade maior ou igual a 18 anos.	104 medicamentos utilizados por automedicação, com destaque para o calcitriol (9,6%) e a clonidina (6,7%). Conclui-se há baixa frequência de automedicação na população de renais crônicos investigada, sendo associada ao uso de medicamentos guardados em casa e à baixa escolaridade.	
Prática da automedicação entre estudantes de enfermagem de instituição de ensino superior	Conhecer a prevalência, os medicamentos utilizados e os principais motivos da automedicação entre os discentes de um curso de enfermagem em uma instituição de ensino superior.	Estudo transversal descritivo, de abordagem quantitativa, com amostra de 126 estudantes matriculados no curso de graduação em enfermagem de instituição pública. A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário estruturado disponibilizado por aplicativo e foram analisados por estatística descritiva.	Os estudantes tinham entre 18 e 25 anos de idade (85,7%), a maioria do sexo feminino (92,9%) e moravam com familiares (86,5%). Observou-se um alto índice de automedicação (99,2%), e a classe medicamentosa prevalente foi a dos analgésicos (28,7%) utilizados para alívio rápido da dor (88,1%) e levados à utilização pelo próprio conhecimento (73,8%). A alta prevalência de automedicação coloca em risco a saúde dos estudantes e reforça a necessidade de implementação de políticas públicas para a conscientização sobre o uso racional de medicamentos.	22
Sobrevida de idosos e exposição à polifarmácia no município de São Paulo	Avaliar a sobrevida de idosos do município de São Paulo expostos ao uso de polifarmácia (cinco ou mais medicamentos).	Trata-se de uma coorte de base populacional, o Estudo Saúde, Bem-Estar e Envelhecimento, da qual se pesquisou o seguimento de 2006 a 2010. A amostra foi composta por 1.258 indivíduos com 60 anos ou mais.	A probabilidade de sobrevida após cinco anos dos indivíduos usuários de polifarmácia na linha de base foi de 77,2%, enquanto nos não usuários foi de 85,5%. A polifarmácia permaneceu como fator de risco para óbito mesmo após ajuste de demais condições associadas à mortalidade, como idade, sexo, renda, doenças crônicas e internação hospitalar. Os resultados apontam para a polifarmácia como um preditor de mortalidade para pessoas idosas. O uso de múltiplos medicamentos por idosos deve ser cuidadosamente avaliado para evitar ou minimizar danos a essa população.	23

Fonte:
Autores,
(2024).
Source:
Authors,
(2024).

Após as análises dos estudos de Santos et al.¹⁰ verificou-se a necessidade de melhoria na atuação multidisciplinar em saúde, pois ela é fundamental para o combate aos efeitos negativos da automedicação. A implementação de ações educativas na atenção básica poderá transformar a forma como são comercializados os medicamentos isentos de prescrição.

Concomitando com Araújo et al.⁴ a automedicação é um mal crescente na sociedade, fazendo com que pessoas comprem suas medicações sem receituário e sem instruções devidas, decidindo sozinhas o método que acham que seja o melhor para curar o transtorno que também foi autodiagnosticado. Tendo em vista todos os fatores supracitados, evidenciando a população que pratica a automedicação inadequada e os riscos pressupostos a partir desta prática por conta de efeitos adversos, é fundamental que seja definida uma maneira de evitar com que a sociedade avance com essa prática e suas consequências.

De acordo com Guedes e Andrade²⁴ a automedicação sendo conceituada como o ato de ingerir medicamentos sem orientação ou prescrição de um profissional com conhecimento técnico na área, a automedicação torna-se um grande problema de saúde pública devido ao uso indiscriminado da população, que pode ocasionar interações negativas, contribuir para o surgimento de sequelas e até evoluir ao óbito. Ao longo dos anos, os avanços científicos permitiram a circulação de uma quantidade imensa de medicamentos eficazes que contribuem para a promoção e qualidade de vida da população. No entanto, o processo de fabricação dos medicamentos não os impede de causar efeitos e reações adversas no ser humano, principalmente, quando ingeridos de forma indiscriminada.

Concomitando com Santos et al.⁸ os medicamentos são substâncias farmacológicas utilizadas com o intuito de melhorar a qualidade de vida, contribuindo para prevenir, curar e aliviar os sintomas de determinadas doenças. É essencial que seja utilizado de forma correta e segura, afim de alcançar seu real objetivo e não causar danos à saúde. Este comportamento pode causar efeitos imprevisíveis e irreversíveis no organismo. Aponta-se como causa a falta de um atendimento eficiente nos serviços de saúde e as diversas propagandas de medicamentos que são comercializados de forma livre, sem prescrição médica. O enfermeiro, assim como outros profissionais da saúde, deve agir com orientações e, até mesmo, promover palestras educativas para a população, sendo assim, um preceptor para a melhoria da qualidade de vida populacional. A atuação dos profissionais de saúde, principalmente os enfermeiros, em ações educativas é crucial, uma vez que possibilita ferramentas à população e garante a segurança e eficácia de que tanto precisam. São eles que estão mais próximos à população e, por isso, podem agir como agente facilitador de informações orientando os pacientes quanto ao uso correto dos medicamentos.

Segundo Lima et al.¹² os estudos demonstram que durante a pandemia de Covid-19, o aumento da compra e do consumo de produtos farmacêuticos pelos brasileiros alertou os profissionais da área da saúde. No cerne do problema estava o uso indevido de medicamentos como cloroquina, hidroxiclороquina, azitromicina, ivermectina, corticosteroides e vitaminas para o tratamento precoce da Covid-19, na maioria das vezes consumidos por iniciativa dos próprios pacientes, sem indicação ou prescrição médica, o que classificamos como automedicação. Pesquisas nacionais relativas à prática refletem as altas prevalências, com variância de 14,9% a 18,3% nos anos de 2016 e 2017, tendo como associação a influência de fatores econômicos, políticos e culturais. Além disso, esses estudos indicam que a automedicação é mais prevalente em pessoas na faixa etária de 18 a 34 anos e nas populações de maior poder econômico e maior nível de escolaridade. Especificamente, os jovens adultos universitários constituem uma parcela significativa que realiza essa prática, principalmente no que concerne aos universitários da área da saúde, por acreditarem ter conhecimento teórico suficiente para se automedicarem. Quando iniciado o período pandêmico (2019), os resultados demonstraram que 30,9% dos participantes deste estudo iniciaram o consumo de medicamentos sem prescrição ou orientação de profissionais da saúde - o que ilustra um considerável acréscimo, semelhante às taxas de aumento encontradas em países dos Emirados Árabes Unidos (31,3%) durante a pandemia de Covid-19.

Foi observado por Moreira et al.¹³ que, na maioria dos países, os medicamentos têm sido o componente de custo em saúde de crescimento mais rápido. Isso se deve, em parte, ao lançamento contínuo de novos medicamentos caros, às metas clínicas mais rigorosas e às mudanças demográficas. Por se tratar de um processo social, a utilização de medicamentos sofre influência de diversos fatores, tais como a estrutura demográfica, o perfil de morbidade e as características socioeconômicas, comportamentais e culturais do mercado farmacêutico e das políticas governamentais dirigidas ao setor, aspectos que estão em constante mudança. Assim, a avaliação periódica do perfil de utilização de medicamentos de uma população permite identificar possíveis alterações no uso e fornece evidências atualizadas sobre o consumo de medicamentos e os fatores a ele relacionados. Essas informações podem auxiliar no planejamento de serviços de saúde e de

pesquisas futuras, além de fornecer subsídios para a eleição de prioridades em políticas públicas de saúde pertinentes às necessidades da sociedade. Mais especificamente, a avaliação da utilização de medicamentos entre os grupos etários fornece uma visão epidemiológica em relação ao panorama das doenças, aos padrões atuais de tratamento e às abordagens farmacoterapêuticas em cada faixa etária. Além disso, as alterações associadas à idade, na função orgânica e composição corporal, justificam um acompanhamento mais rigoroso do regime terapêutico, a fim de garantir o uso efetivo e seguro de medicamentos entre os indivíduos mais idosos. A avaliação do uso de medicamentos pela população assistida na atenção primária à saúde (APS) do Sistema Único de Saúde (SUS) analisa a própria assistência à saúde, tendo em vista que a APS tem papel essencial para a integralidade do cuidado, organizando e coordenando o processo de atenção à saúde, incluindo a assistência farmacêutica.

De acordo com Constatino et al.¹⁶ a conservação de medicamentos em domicílio é, de modo geral, prática comum da população e é caracterizada pelo armazenamento de um conjunto de medicamentos, seja para uso contínuo no controle de doenças crônicas, sobras de outras prescrições, amostras grátis, abandonos de tratamentos e aqueles utilizados na automedicação. O armazenamento inadequado de medicamentos em domicílios favorece o consumo irracional (automedicação irresponsável) e desperdício, com consequente exposição a reações adversas tóxicas e consequências que poderiam ser evitadas. Sabe-se que, para preservar a qualidade química e física do medicamento, é de fundamental importância observar alguns fatores importantes como umidade, variação de temperatura e exposição à luz. Outro fator que muitas vezes não recebe a atenção devida é o prazo de validade dos medicamentos. Além disso, hábitos simples contribuem para a preservação dos insumos farmacêuticos, como conservar os medicamentos dentro de sua embalagem original e não os armazenar junto aos demais produtos químicos, como os de limpeza, por exemplo. Verificou-se que pacientes com maior escolaridade e que usam sobra de medicamentos em casa têm mais chances de se automedicar.

Segundo Andrade et al.¹⁸ é fato que os idosos compreendem um grupo etário que cresce exponencialmente no Brasil. Inevitavelmente, a alta demanda da maioria dessa população por medicamentos e serviços de saúde acarreta impacto nas políticas de saúde pública no que tange o esforço necessário para garantir o uso racional de medicamentos, evitar iatrogenia e melhorar a qualidade de vida dos idosos. Medicamentos potencialmente inadequados são aqueles que devem ser evitados em idosos, em que o risco de eventos adversos supera o benefício.

De acordo com Fernandes¹⁹ historicamente caracterizados pela marginalização, indigência e invisibilidade social, as pessoas em situação de rua representam uma parcela da população diretamente interligada às desigualdades sociais. À margem da geração de riquezas, esta população se encontra numa situação de extrema vulnerabilidade, onde está exposta a constante violência e não há garantia de seus direitos fundamentais. A partir de diferentes experiências regionais de atendimento à população em situação de rua, como PSF sem Domicílio e Consultório de Rua, surge, em 2012, o Consultório na Rua. A proposta foi ampliar o atendimento para além do convencional tratamento de patologias, além de atender as demandas específicas desta população, oferecendo ações de promoção de saúde e minimização dos riscos inerentes à realidade em que estão inseridos. A escuta e o acolhimento proporcionam o reconhecimento dos saberes e da participação dos usuários no seu processo de saúde, além de contribuir para o empoderamento da população sobre direitos e se apresenta como um facilitador para o acesso aos serviços de saúde. As condições culturais, socioeconômicas e políticas em que estão inseridos os usuários, interferem diretamente no processo de prescrição e, principalmente, influenciam no contexto de utilização dos medicamentos. As falhas no uso dos medicamentos pelos usuários, desde a não adesão à terapia até a superdosagem, comprometem os resultados desejados, podendo inclusive causar quadros de morbimortalidade relacionada ao medicamento, como intoxicações, hospitalizações e até mesmo óbitos. Considerando o processo de utilização de medicamentos multifatorial e motivacional, é necessário descentralizar a responsabilidade do medicamento sobre a saúde, ampliando o conceito de saúde/doença da população. Modifica-se, então, a cultura da medicalização e traz-se para o usuário a coresponsabilidade sobre seu tratamento e sua condição de saúde, antes depositada unicamente no medicamento. Cabe aos profissionais da saúde, prescritores ou não, o olhar atento sobre o uso adequado dos medicamentos, dando subsídios aos usuários para compreenderem seu papel de protagonistas nos seus tratamentos, atuando como agentes ativos neste processo.

Concomitando com Araújo et al.²⁰ a atenção farmacêutica, bem como os cuidados dos profissionais de saúde que lidam diretamente com medicamentos, tornam-se fundamentais na reparação da saúde do paciente e na prevenção dos problemas relacionados ao uso desses produtos. Foi Realizado um estudo descritivo, retrospectivo, com abordagem quantitativa, utilizando o banco de dados do DATASUS, sobre a prevalência

de intoxicação por medicamentos no estado da Bahia entre 2007 e 2017. As intoxicações por medicamentos estão se tornando um problema de saúde pública. O estudo sendo quantitativo, do tipo descritivo e exploratório, avaliou as notificações relacionadas à intoxicação por medicamentos no estado da Bahia registradas no DATASUS entre 2007 e 2017, tendo como variáveis de interesse, faixa etária, raça/cor e sexo, circunstância, classificação final, critério de confirmação e evolução, ano e município de notificação. Foram registrados 28.412 casos de intoxicação exógena no período, sendo 29,7% causados por medicamentos. A faixa etária de maior prevalência foi de 20 a 39 anos (38,5%), com maior número de casos entre pessoas do sexo feminino (66,7%), tendo a tentativa de suicídio como a principal causa, correspondendo a 38,5% das notificações. A maior concentração de casos notificados ocorreu na capital do estado. Sem dúvidas, a facilidade de acesso a esses produtos predispõe à automedicação, sendo um fator de risco para esses casos de intoxicação. Nesse cenário, é necessária a implementação de campanhas de uso racional de medicamentos no estado da Bahia, bem como de prevenção ao suicídio, direcionadas, principalmente, aos adultos jovens, faixa etária com maior prevalência de casos.

Um estudo realizado por Bohomol e Andrade²² com 126 estudantes matriculados no curso de graduação em enfermagem de uma instituição pública, diz que, a automedicação é altamente prevalente entre os estudantes participantes da pesquisa e reforça uma conduta adotada entre jovens universitários que cursam graduações na área da saúde. A prevalência da prática de automedicação entre os estudantes do curso de enfermagem é elevada, o principal medicamento era da classe dos analgésicos para o alívio rápido da dor, apontando para a necessidade de políticas de orientação e conscientização dessa população no decurso do seu percurso formativo. estudantes revelaram ter conhecimentos sobre o uso de medicamentos, apontando para uma maior confiança em automedicação explicada por estarem vinculados ao curso da área da saúde com aquisição de conhecimentos necessários em relação aos fármacos, conceitos sobre a saúde e atribuição de valor aos medicamentos que não apenas o de interromper problemas de saúde.

4. Conclusão

Conclui-se que a automedicação é uma prática amplamente difundida e potencialmente perigosa para a saúde individual e coletiva. O uso inadequado de medicamentos, incluindo aqueles de venda livre, pode trazer sérias consequências, como reações adversas, resistência bacteriana e agravamento de doenças subjacentes. Fatores socioeconômicos, como o difícil acesso aos serviços de saúde, são determinantes no aumento dos índices de automedicação, levando a população a buscar alternativas sem a orientação médica adequada.

A atuação proativa dos profissionais de enfermagem, tanto no âmbito hospitalar quanto na atenção primária, é fundamental para a redução dos casos de automedicação e suas consequências. A orientação contínua e a criação de estratégias de sensibilização para a população podem contribuir significativamente para o uso seguro e racional de medicamentos, minimizando os riscos à saúde e promovendo um cuidado mais eficaz e seguro. O papel do profissional de enfermagem se destaca como essencial na promoção do uso consciente e seguro de medicamentos, através de orientações técnicas e ações educativas, os enfermeiros podem ajudar a conscientizar a população sobre os riscos da automedicação, promovendo a busca por orientação médica antes do uso de qualquer fármaco.

Portanto, é crucial a capacitação contínua dos profissionais de enfermagem e a implementação de políticas de saúde voltadas para a educação sobre o uso racional de medicamentos. Somente assim será possível reduzir os riscos associados à automedicação, promover a saúde de forma mais eficaz e garantir maior segurança no uso de medicamentos.

5. Referências

1. Xavier M, Castro H, Souza L, et al. A automedicação e seus riscos para a saúde. *Brazilian journal of health review*. 2021;4(1):225-240.
2. Instituto de pesquisa e pós-graduação para o mercado farmacêutico (ICTQ). Pesquisa- Automedicação no Brasil 2018 [Internet]. Brasil; 2018 [Acessado em 09 de setembro de 2024]. Disponível em: <https://ictq.com.br/pesquisa-do-ictq/871-pesquisa-automedicacao-no-brasil-2018>
3. PFIZER. Os riscos da automedicação [Internet]. Brasil; 2020 [Acessado em 04 de julho de 2024]. Disponível em: <https://www.pfizer.com.br/noticias/ultimas-noticias/os-riscos-da-automedicacao#:~:text=No%20Brasil%2C%20cerca%20de%2035,se%20medicar%20por%20conta%20pr%C3%B3pria.>
4. Araújo B, Cavalcante J, Passos M. A prevalência e motivação da prática da automedicação na sociedade e o papel da enfermagem. *Revista JRG de estudos acadêmicos*. 2023;6(13):315-327.
5. Cultura da automedicação na sociedade brasileira e seus riscos; 17,18 e 19 de maio de 2021; Unifimes (MG). Anais colóquio estadual de pesquisa multidisciplinar e congresso nacional de pesquisa multidisciplinar; 2021.
6. Agência nacional de vigilância sanitária (ANVISA). Hoje é o dia nacional do uso racional de medicamentos [Internet]. Brasil;2023 [Acessado em 09 de setembro de 2024]. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/noticias-anvisa/2023/hoje-e-dia-nacional-do-uso-racional-de-medicamentos>
7. Lima M, Alvim H. Riscos da automedicação. *Revista JRG de estudos acadêmicos*. 2019;2(4):212-219.
8. Santos G, Melo K e Chicharo S. A automedicação e o papel da enfermagem na conscientização populacional. *Revista de trabalhos acadêmicos-Universo Belo Horizonte*. 2021;1(5):210-225.
9. Ministério da saúde. Protocolo de segurança na prescrição, uso e administração de medicamentos. Brasil;2020 [Acessado em 07 de novembro de 2024]. Disponível em: https://www.hospitalsantalucinda.com.br/downloads/prot_medicamentos.pdf
10. Santos V, Oliveira A, Oliveira E, et al. O papel do enfermeiro no combate a automedicação. *Recima21*. 2022;3(11):1-5.
11. Cecilio S, Vargas ME, Silveira AP, et al. Impacto da Covid-19 na prática de automedicação em estudantes universitários. *TES- Trabalho, educação e saúde*. 2023;22: 1-13.
12. Lima PA, Costa R, Silva MP, et al. Automedicação entre estudantes de graduação do interior do Amazonas. *Acta. Paul. enferm*. 2022;35(134):1-8.
13. Moreira T, Teodoro J, Barbosaa M, et al. Uso de medicamentos por adultos na atenção primária: inquérito em serviços de saúde de Minas Gerais, Brasil. *Rev. Bras. epidemiol*. 2020;23(25):1-15.
14. Barros GA, Calonego MA, Mender Rannier, et al. Uso de analgésicos e o risco da automedicação em amostra de população urbana: estudo transversal. *Revista Brasileira de anestesiologia*. 2019;69(6):529-536.
15. Oliveira SB, Barroso S, Bicalho MA, et al. Perfil de medicamentos utilizados por automedicação por idosos atendidos em centro de referência. *Publicação Oficial do Instituto Israelita de Ensino e Pesquisa Albert Einstein*. 2018;16(4):1-7.
16. Constatino V, Fregonesi BM, Tonani KA, et al. Estoque e descarte de medicamentos no domicílio: uma revisão sistemática. *Ciência e saúde coletiva*. 2020;25(2):1-10.
17. Santos L, Novais AK, Costa LM, et al. Análise da automedicação pediátrica em pacientes atendidos em hospital de alta complexidade. *Revista o mundo da saúde*. 2023;47:1-13.
18. Andrade R, Santos M, Ribeiro E, et al. Polifarmácia, medicamentos potencialmente inapropriados e a vulnerabilidade de pessoas idosas. *Ver. Bras. Geriatr. Gerontol*. 2024;27:1-10.

19. Fernandes V. Acesso e uso de medicamentos sob a perspectiva da pessoa em situação de rua. Porto Alegre: Universidade federal do Rio Grande do Sul;2021.
20. Araújo W, Rios A, Souza F, et al. Prevalência de intoxicação por medicamentos no estado da Bahia entre 2007 e 2017. *Ver. Epidemiológica e controle de infecção*. 2021;10(4):1-15.
21. Lemos L, Moraes G, Lemos G, et al. Automedicação em pacientes renais crônicos hemodialíticos. *Revista Brasileira em promoção da saúde*. 2020;33:1-10
22. Bohomol E e Andrade C. Prática da automedicação entre estudantes de enfermagem de instituição de ensino superior. *Ciência, cuidado e saúde*. 2022;19:1-7.
23. Romano N, Corona L, Marques LF, et al. Sobrevida de idosos e exposição à polifarmácia no município de São Paulo. *Rev. Bras. Epidemiol*. 2018;21(2):1-11.
24. Guedes A, Andrade L. A atuação do farmacêutico no combate a automedicação. *Revista Ibero-Americana de humanidade, ciências e educação*. 2021;7(10):1504-1514.